

ESPAÇO ABERTO

O fio da lâmina

Bolívar Lamounier

estadaodigital#wsmuniz30@gmail.com

Alguns dos leitores que me honram com sua atenção consideram como “exagerado” o meu pessimismo sobre o Brasil atual.

Não sei se o pessimismo é o termo adequado, mas reconheço a relevância do questionamento, pois, de fato, exageros (pessimistas ou otimistas) comprometem a objetividade de qualquer reflexão sobre as condições da sociedade. Assíduo leitor das publicações diárias, admito que raramente encontro nelas alguma razão para alívio. Um exemplo: na página A8 da edição de 11 do corrente mês, este jornal estampou a seguinte manchete: *Com RS em crise, Lula envia texto ao Congresso que eleva salários no STF*. Não ficaria chocado se entendesse que os mais altos magistrados vivem como miseráveis, mas esse não me parece ser o caso. Na edição de 16 de maio, na primeira página, o jornal voltou ao tema: *No RS, Lula anuncia ajuda federal aos gaúchos com tom de comício*. Por aí se vê que nosso principal aspirante a estadista não se preocupa sequer em disfarçar sua sensibilidade meramente eleitorista.

Claro, o problema não é só brasileiro. Numa vigorosa série de ensaios, a jornalista Anne Applebaum, redatora da revista mensal norte-americana *The Atlantic*, tem afirmado que “as democracias estão perdendo a guerra da propaganda”. Na edição de maio passado, ela lembrou que, “na era soviética, a propaganda comunista pintava um paraíso ao alcance da mão. Hoje, ao contrário, a propaganda antidemocrática procura convencer o Ocidente de que a democracia degenerou de vez, que toda eleição é ilegítima e que a civilização está à beira da morte”. Ninguém contesta o talento da eminente jornalista, mas peço vênia para algumas ressalvas. Opino que, se os Estados Unidos e as demais democracias ocidentais se abrissem completamente à imigração (hipótese fantástica, claro), no mínimo metade dos cidadãos que hoje vivem sob o jugo de Vladimir Putin (Rússia), Xi Jinping (China), Viktor Orbán (Hungria), Recep Erdogan (Turquia), Narendra Modi (Índia) e outros menos votados formariam longas filas nos aeroportos, ansiosos por desembarcar em alguma “democracia degenerada”.

Como compreender que um país facilmente governável permaneça neste estado de miséria e malquerenças políticas estúpidas como a que teve início na eleição presidencial de 2018?

A questão é simples. A propaganda antidemocrática não sai da cabeça de gente que mal sabe o que vai comer amanhã, de analfabetos, ou de subcidadãos que nunca fizeram uma viagem ao exterior. Ela é produzida pelos dirigentes de países autoritários e pelos exérci-

tos de assessores e publicitários que todo governante tem ao seu dispor.

Voltemos ao Brasil. Penso que as desgraças que corroem nossa sociedade não são propriamente um sentimento de pessimismo, mas uma mescla de três coisas: *primeiro*, uma observação realista do poço em que nos afundamos; *segundo*, uma profunda decepção com o que não fizemos em mais de dois séculos como nação independente; *terceiro*, uma sensação de perplexidade por não conseguirmos compreender a conexão entre os dois pontos precedentes.

A observação pode ser condensada em poucas linhas. No Brasil, um pequeno número de bilionários controla metade da renda e da riqueza; no mínimo, 30% dos cidadãos de mais de 15 anos são analfabetos funcionais; a criminalidade e o crime organizado crescem a toda brida; milionários recusam-se a pagar a anuidade de seus filhos em universidades públicas, mas não abrem mão de um breve *séjour* anual na Europa.

A decepção decorre da certeza de que, em última análise, somos um país fácil de governar. Recursos naturais não nos faltam. Não somos um país dividido por dezenas de idiomas oficiais e diversas tribos acidamente belicosas entre si, como ocorre, por exemplo, na África do Sul; e não vivemos (como a Ucrânia) à mercê de vizinhos grosseiramente imperialistas, como a Rússia sempre foi.

Chegamos, assim, à *perplexidade*. Como compreender que um país facilmente governá-

vel permaneça neste estado de miséria e malquerenças políticas estúpidas como a que teve início na eleição presidencial de 2018? Divisões ideológicas por certo não explicam esse fenômeno, pois sabemos que nossos *soft-distant* líderes políticos trocam de ideologia como quem troca de camisa, ou na mera expectativa de um cargo na administração pública. Penso que a resposta está na leviandade com que mediocritizamos os pilares fundamentais da democracia representativa, principalmente os partidos políticos e o Legislativo. Nessas condições – como observou no início do século o grande pensador Max Weber –, nenhum país é capaz de produzir líderes políticos que mereçam o respeito da sociedade. Atingido esse ponto, é comum surgir, mesmo nas camadas mais esclarecidas de qualquer país, a ilusão do “governo forte”, vale dizer, do populismo, do ditador benévolo, do “cesarismo”.

O maior temor de Max Weber em relação às sociedades modernas era o estolimento da vida política pelas burocracias. O único antídoto confiável para esse mal seriam, para ele, líderes políticos de envergadura, formados nos embates parlamentares. Políticos que vissem “para a política”, e não “da política”, ou seja, políticos por vocação, e não meros aproveitadores. Se assim é, na entressafra política que nos assola, temos lamentavelmente fortes motivos para pessimismo. ●

SÓCIO-DIRETOR DA AUGURIUM CONSULTORIA, É Membro das ACADEMIAS PAULISTA DE LETRAS E BRASILEIRA DE CIÊNCIAS

FÓRUM DOS LEITORES

O Estado reserva-se o direito de selecionar e resumir as cartas. Correspondência sem identificação (nome, RG, endereço e telefone) será desconsiderada. E-mail: forum@estado.com

Tragédia no Sul

Bombeamento da água

Primoroso o editorial do Estado *A indecente exploração política da tragédia no RS* (17/5, A3). Além de ter sido ineficaz na condução da política de comunicação do governo federal, o agora ministro extraordinário Paulo Pimenta diz que pretende bombear as águas empoadas em Porto Alegre e municípios da região. Bombear para onde, já que o nível do Rio Guaíba e da Lagoa dos Patos está acima do normal? Agora não adianta, depois não precisa. Será que teremos uma nova Lava Jato se montando?

Nilson Rebelo
Brasília

Retratção

A fala do governador do Rio Grande do Sul, ao relacionar as doações feitas aos atingidos por temporais no Estado com o impacto dessas ações no comércio local, evocou certas atitudes e momentos associados a Bolsonaro

re e Lula. No entanto, ele demonstrou bom senso ao se retratar rapidamente, estabelecendo um exemplo que outros, até então, não seguiram.

Malke André Marques
Itapira

Petrobras

Crise anunciada

A presidente da Petrobras, Magda Chambriard, quando era diretora-geral da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), chegou a afastar de suas funções – após um breve envolvendo um auto de infração contra a OXG – Pietro Mendes, que é o atual presidente do Conselho da Petrobras e homem forte do ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, na estatal. Crise anunciada.

Vital Romanelli Penha
Jacarei

Incrédulos

Pobre Petrobras, novamente correndo sérios riscos. Lula demitiu Jean Paul Prates da presidência

na terça-feira e colocou o mercado em alerta. Com isso, as desconfiças voltaram a rondar a quarta maior petroleira do mundo de 2023. Insistir no erro nos deixa incrédulos quanto aos objetivos a serem alcançados pelo presidente e o PT.

Pedro Sergio Ronco
Ribeirão Bonito

Troca de comando

Sai a Petrobras e entra a PT Petrobras. Não foi por falta de aviso.

Milton Cordova Junior
Vicente Pires (DF)

Marionete?

Lula diz querer manter o “comando e o controle” da Petrobras (*Estado*, 16/5, B5). Então a sra. Magda Chambriard se prestará a ser sua marionete?

Tania Tavares
São Paulo

Lula, o CEO

Excelente o editorial *Lula, o CEO da Petrobras* (*Estado*, 16/5, A3). Agora podemos aguardar para breve o *petrolão 2*, com a diferen-

ça de que não haverá mais uma Lava Jato procurando punir os corruptos e corruptores. Qual juiz ou promotor se atreveria a trabalhar com eficiência e dedicação para debelar a corrupção tendo em vista a perseguição política sofrida por aqueles que foram eficientes contra ela no passado?

Antonio C. Q. Ferreira
São Paulo

Ou privatiza ou estatiza

Definitivamente, o Congresso não tem outra opção: ou privatiza ou estatiza de vez a Petrobras. A questão não é só de natureza ideológica ou de moralidade, mas de corrigir um erro de interpretação – que os políticos corruptos aproveitam – e dar rumo correto ao caos que se vê sempre que assume um novo governo, tenha este a coloração política que tiver. Que fique claro: a participação acionária na empresa do Estado, não do governo. O mundo desenvolvido tem bons exemplos de estatais à prova de aparelhamentos políticos e corrupção. Na Eletricidade de France (EDF), a

grande estatal francesa do ramo de eletricidade e gás, por exemplo, o Executivo, para caracterizar que representa apenas 1/3 do Estado, só pode indicar, nessa mesma proporção, os membros do seu Conselho de Administração. Os demais são representantes da sociedade francesa – de notório saber e definidos em lei – com interesses científicos e econômicos no desenvolvimento da empresa e do país.

Nilson Otávio de Oliveira
São Paulo

Monteiro Lobato

Defesa qualificada

Meus efusivos cumprimentos a Antonio Sampaio Dória, pelo artigo *Lobato: decifra-me ou te devoro*, publicado na página A6 da edição de ontem (17/5). Até que enfim uma defesa qualificada do autor, há anos tão injustamente atacado e cancelado por críticos rasos, que parecem não conhecer sua obra.

Susana Alexandria
São Paulo